



ESTUDO DE GÊNERO NO ENSINO DA GEOGRAFIA

Luize Batista Campos¹

luizebcampos@gmail.com

Rafaela do Rosário Davi²

rafaelakiss2009@hotmail.com

Thais de Cassia Silva Lemos³

thaisdecassiasilvalemos19@gmail.com

82

RESUMO: O artigo a seguir busca apresentar como a Geografia pode nos ajudar a entender a relação entre gênero e espaço. Por meio de uma pesquisa histórica procuramos entender a marginalização das mulheres e todas as suas demandas e o quanto isso reflete até os dias de hoje em nossa sociedade. Através de uma pesquisa qualitativa, esse trabalho tem o propósito de analisar e discutir sobre a questão de gênero no ambiente escolar, mais precisamente nos livros didáticos enquanto uma das principais ferramentas utilizadas pelos docentes.

Palavras-chave: gênero, ensino de geografia, espaço

1. INTRODUÇÃO

A população brasileira no último censo realizado pelo IBGE⁴ em 2010 havia alcançado a marca dos 190 milhões de habitantes (em 2017 já ultrapassa os 202 milhões), e desse total geral mulheres representam 51,05%, homens 48,95%, brancos 47,7%, pretos e pardos 50,7%, amarelos 1,14%, indígenas 0,4% e mais de 150 milhões vivem em áreas urbanas. Majoritariamente a população brasileira é feminina, não branca e mora em áreas urbanas.

Os maiores grupos que compõe a nossa população historicamente sempre foram marginalizados e privados de direitos. Atualmente continuam

¹ Técnica em Edificações pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, CEFET-MG e graduanda em Geografia – Licenciatura na Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG.

² Graduanda em Geografia – Bacharelado na Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG.

³ Graduanda em Geografia – Licenciatura na Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG.

⁴ Disponível em: <http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/caracteristicas-da-populacao.html>.

com pouca representatividade cultural e política em nossa sociedade apesar de avanços⁵ significativos nos últimos anos.

O ambiente escolar jamais se dissocia do que acontece fora dele. Ao mesmo tempo em que a escola é colocada como um espaço democrático, de igualdade entre os povos e aberta a todos, ela reproduz hierarquias, preconceitos, segregação e contradições da sociedade que vivemos.

Os livros didáticos são um dos principais instrumentos de auxílio do professor nas escolas públicas, muitas vezes sendo parte crucial das aulas e uma grande fonte de informação para os alunos que os utilizam. Analisar seu conteúdo de forma crítica é um passo importante para evitarmos potenciais discursos e práticas que contenham ideologias dominantes e estereótipos (COSTA; DANTAS, 2016).

O manual do professor é um modo de ajudar os docentes nas escolhas do conteúdo que será passado, mas também é preciso que o discente tenha contato com outras informações que não estejam no mesmo. O docente deve ter em mente que ele não precisa ficar preso somente aos conteúdos dos livros didáticos, mas sim utilizá-los como um complemento nas práticas de ensino.

A Geografia pode ajudar no entendimento da relação entre gênero e espaço. A Geografia brasileira iniciou seus estudos sobre gênero na década de 1970-1980⁶, e atualmente ela tem sido cada vez mais trabalhada e segundo Reis (2015, p. 3) “o conceito de gênero permite compreender as relações sociais, especificamente como os sexos contribuem para a reprodução social”.

Essa pesquisa é qualitativa, pois foram analisados livros didáticos para a compreensão das informações relativas a gênero e verificação se esses livros estão avançando sobre o tema da identidade feminina.

A partir desse trabalho apresentamos uma discussão sobre como vem sendo tratado o gênero nos livros didáticos.

2. OBJETIVOS

⁵ VENTURI; GODINHO (2013).

⁶ REIS (2015).

O artigo tem como objetivo através de uma revisão teórica e uma análise prática de como a Geografia pode ajudar na compreensão da questão de gênero.

A escola não é um ambiente isolado da sociedade, é um espaço onde também há reprodução de contradições, hierarquias e segregação. Entender a relação entre gênero, poder e espaço na sociedade em que vivemos através da disciplina de Geografia segundo Costa (2011) é tornar o cidadão consciente do seu papel de produzir espaço, das suas práticas espaciais e a relação entre homens e mulheres.

Existe um discurso aplicado dentro do ambiente escolar de forma hegemônica que a escola é um ambiente receptivo, de direitos humanos e provedor de igualdade, porém, dificilmente se discute gênero na Geografia mesmo que seja estabelecido nos PCNs⁷ de 1998.

Trabalhar com a importância de lugar e espaço na discussão de gênero é entender a necessidade de se trabalhar com a interseccionalidade nos discursos e práticas para abranger diferentes raças, etnias, classes sociais e orientações sexuais. O debate sobre gênero vem se intensificando cada vez mais em nossa sociedade de modo que a escola deva ser colocada como um dos instrumentos de análise sobre a modificação nas relações sociais e políticas entre os povos.

Pensar na Geografia enquanto disciplina escolar de destaque para o estudo de gênero é repensar na formação de professores que ao saírem da graduação estejam preparados para lidar com um assunto que mesmo em efervescência ainda encontra dificuldades de ser debatido.

Entendemos a importância da escola para a sociedade, por isso cada vez mais se faz necessário analisar os componentes que fazem parte da dinâmica escolar.

“A formação escolar tem grande importância na construção da identidade, pois é na escola que os indivíduos entram em contato com diversidade. A identidade é construída à medida que a representação cultural permite ao indivíduo localizar-se de diferentes formas na sociedade” (OLIVEIRA; NASCIMENTO, 2016; p. 3).

⁷ BRASIL (1997, 2000)

A ideia é como pensar a Geografia de uma ótica feminina, mas com diferentes perspectivas e sempre abordando o gênero.

3. METODOLOGIA

Foi elaborada uma série de requisitos para a construção de uma análise sobre as questões de gênero na educação. Escolhemos assim os livros didáticos de Geografia distribuídos nas escolas públicas do país, já que ele se constitui enquanto um dos principais materiais de auxílio do professor dentro e fora da sala de aula. Costa e Dantas (2016) enfatiza que o livro didático é um material importante que direciona os professores em relação aos conteúdos, a serem abordados em cada disciplina.

As análises foram realizadas nos dias 06 e 07 de julho, todos os livros que analisamos se encontram no Laboratório de Ensino e Geografia do curso de Geografia da Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG. Foram analisados dez livros didáticos do professor (a principal diferença entre o livro do professor para o livro do aluno são as respostas de exercícios e atividades que estão no livro) de ensino médio e todos são volume único (matérias do 1º, 2º e 3º juntos).

Além das análises feitas, fizemos uma revisão bibliográfica para melhor compreender os aspectos que estão relacionados entre gênero e livros didáticos em artigos, revistas e livros para um entendimento mais claro dos mesmos.

A nossa pesquisa é qualitativa, não visando dados quantitativos, com o interesse de discutir as propostas sobre gênero na elaboração das aulas, observando como as relações de gênero estão presentes nos materiais a serem mostrados para os discentes.

Os livros didáticos usados para a pesquisa foram:

1. Geografia Geral e do Brasil, Lúcia Marina e Tércio (2008);
2. Geografia Geral e do Brasil, Vesentini (2009);
3. Geografia Geral e do Brasil, Lucci, Branco e Mendonça (2007);
4. Geografia Espaço e Vivência, Boligian e Alves (2004);

5. Geografia Ensino Médio, João Carlos Moreira e Eustáquio de Sene (2006);
6. Geografia de olho no mundo do trabalho, Garcia e Garavello (2008);
7. Geografia Pesquisa e Ação, Krajewski, Guimarães e Ribeiro (2005);
8. Geografia, Lúcia Marina e Tércio (2002);
9. Geografia Geral e do Brasil, James e Mendes (2009);
10. Geografia coleção Vitória-Régia, Filizola (2005);

A finalidade é fazer uma discussão entre os materiais analisados e as revisões bibliográficas para obter um debate mais profundo do assunto, fazer observações de como são empregados os textos nos livros sobre as questões de gênero e como isso pode refletir nas vidas dos professores e alunos do ensino médio.

A escola e a geografia enquanto disciplina possuem um papel fundamental na formação de um cidadão ciente do seu papel na produção do espaço e suas relações entre homem e mulher, o debate sobre a questão de gênero nas escolas e salas de aulas vai contribuir para uma sociedade mais igualitária.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

A geografia enquanto legitimada uma ciência social no campo científico (ver SANTOS, 1978) tem como grande objetivo observar como se dá a produção do espaço advindo daqueles que nele habitam.

“As formas espaciais produzidas pela sociedade manifestam projetos, interesse, necessidades, utopias. São projeções dos homens (reais, seres históricos, sociais e culturais), na contínua e cumulativa antropomorfização da superfície terrestre” (MORAES, 2005, p. 22).

Como afirma Silva (2014) por termos uma tradição geográfica positivista encontramos dificuldade de analisar processos que fogem da materialidade e descrição como, por exemplo, a construção de marcas espaciais de grupos que não possuem alto poder econômico, cultural e político. Uma sociedade dividida em classes aonde interesses econômicos se sobrepõe a qualquer tipo de relação entre sujeitos, a produção do espaço será majoritariamente construída por aqueles que possuem os meios de produção. Além dessa divisão também existe a de cunho sexual que separa mulheres e homens de modo a hierarquizar o masculino em detrimento do feminino e conseqüentemente a exploração do último.

A filósofa Judith Butler na década 90 trouxe a tona a problematização do sistema sexo/gênero que era bem difundido entre as teorias feministas e estudos de gênero a partir da segunda onda feminista nos anos de 1960. Gayle Rubin definiu que “o sistema sexo/gênero é um conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e na qual estas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas” (RUBIN, 1975, p. 2). Butler apud Silva (2014) coloca que a inscrição cultural é o destino e não a biologia, pois gênero nada mais é que uma forma de regular a existência humana e colocar como algo natural as noções de feminilidade e masculinidade. Ela também coloca que o gênero é inconstante e se guia pelo contexto “(...) [o gênero seria] um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes” (BUTLER apud AGUIAR, 2005, p. 180).

A mulher mesmo sendo construtora e participante da nossa sociedade nunca é colocada como referência, não é o exemplo universal e muito menos o padrão. Simone de Beauvoir fala melhor sobre isso:

“Se quero definir-me, sou obrigada inicialmente a declarar: “Sou uma mulher”. Essa verdade constituiu o fundo sobre o qual se erguerá qualquer outra afirmação. Um homem não começa nunca por se apresentar como um indivíduo de determinado sexo: que seja homem é natural (...) A relação dos dois sexos não é a das duas eletricidades, de dois polos. O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos “os homens” para designar

os seres humanos, tendo se assimilado ao sentido singular do vocábulo vir o sentido geral da palavra homo. A mulher aparece como o negativo, de modo que toda a determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade. Agastou-me, por vezes, nos cursos de conversações abstratas, ouvir os homens dizerem: “Você pensa assim porque é uma mulher”. Mas eu saiba que minha única defesa era responder: “penso-o porque é verdade”, eliminando assim minha subjetividade. Não se tratava, em hipótese alguma, de replicar: “E você pensa o contrário porque é um homem”, pois está subentendido que o fato de ser um homem não é uma singularidade; um homem está em seu direito sendo homem, é a mulher que está errada. Praticamente, assim como para os Antigos havia uma vertical absoluta em relação à qual se definia a oblíqua, há um tipo humano absoluto que é o masculino. (...) A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo. (...) A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro.” (BEAVIOUR, 1970, pp. 9-10).

Dentro de movimentos feministas e de mulheres não existe um consenso do uso da palavra patriarcado. Várias vertentes e grupos se utilizam de diversas concepções, muitas vezes como elemento central da opressão feminina e até mesmo o uso da palavra patriarcalismo. Mas há um consenso de patriarcado enquanto um sistema que oprime e explora as mulheres⁸.

Na geografia escolar podemos notar que a mulher é o Outro. Nos livros didáticos quem produz, modifica e está em constante contato com a natureza é o homem como constata Silva (2014), “relação homem e natureza” e “o homem na produção do espaço” são exemplos que facilmente encontramos para explicar a relação de mulheres e homens com e seu ambiente. Isso vai muito além da universalização da palavra, a língua é um instrumento de poder que é usado para dominação de povos desde séculos antes de Cristo (CARVALHO, 2008).

A noção de liberdade individual da mulher é uma ideia amplamente divulgada no liberalismo que muitas vezes se firma no discurso acrítico de que

⁸ MORGANTE; NADER (2014)

fazemos escolhas por nós mesmas sem interferência do espaço. Analisar somente o gênero não é efetivo e muito menos justo já que mulheres são diferentes entre si no quesito raça, etnia, classe e orientação sexual. Diferenças dessa natureza precisam ser levadas em conta e vistas não como algo problemático, mas um importante fator de que somos diferentes uma das outras e não há problema nisso. A diferença que deve ser problematizada é que nossas características ainda determinam nosso destino e nossas oportunidades. Uma mulher branca, rica e de origem europeia terá mais oportunidades do que uma mulher não branca, pobre e advinda de algum país do chamado terceiro mundo de estudar, escolher sua profissão e de escolher seus parceiros (as) de vida⁹, por exemplo, mas ambas ainda estão sujeitas a exploração de gênero. A busca pela liberdade individual é usada muitas vezes como discurso meritocrático e reforço da submissão da mulher frente aos homens e a sociedade, pois, ela escolheu e está tudo certo.

6. RESULTADOS

Após a análise dos dez livros didáticos, constatamos que apenas sete possuem textos e passagens tratando sobre a questão de gênero colocando as dinâmicas das mulheres como foco central do assunto. Dos sete, seis livros (1, 2, 3, 4, 5 e 6 de acordo com a listagem acima) abordam essa questão em unidades relacionadas as dinâmicas populacionais e um (livro 7) faz relação com movimentos sociais e dedica um capítulo todo para tratar da questão.

Os três livros restantes (8, 9 e 10) não possui tópicos específicos sobre a questão de gênero no decorrer do livro.

Os assuntos mais comuns nos livros foram a fecundidade da mulher, relação da mulher nas taxas de natalidade e mortalidade, estrutura etária e participação das mesmas no mercado de trabalho.

Apenas dois livros (2 e 7) abordaram outros temas como objetificação feminina, orientação sexual e a importância das mulheres nos movimentos sociais feminista, negro e LGBT.

⁹ SOUZA (2008)

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo nos possibilitou uma análise que o papel da mulher precisa ser retrabalhado para diminuir as desigualdades de gênero em toda a sociedade. E nas escolas ele é passado de forma superficial muitas vezes, apresentando apenas em poucas páginas o papel da mulher não permitindo que aconteçam pensamentos críticos para romper desigualdades e preconceitos criados pela sociedade. As mulheres precisam ter o reconhecimento de que fizeram parte da história da humanidade^{10 11}.

Cabe ao professor procurar informações fora do livro didático para enriquecer cada vez mais os temas de suas aulas. Tem se tornado cada vez mais comum nos meios de comunicação não tradicionais o surgimento de sites, blogs e vlogs com conteúdo sobre gênero, raça, classe e sexualidade feitos por pesquisadores de diversas áreas da ciência.

Pensar na formação do professor é crucial. Os debates sobre gênero e toda a sua interseccionalidade precisam estar presentes dentro das salas de aula dos cursos de Licenciatura para ajudar na preparação dos futuros docentes sobre as demandas da sociedade e impedir que discursos de cunho machista sejam reprodutivos dentro das salas de aula.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, R. **Butler e a desconstrução do gênero. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003. 236 p.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais ensino médio**. Brasília. 2000.

_____. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. 126p.

¹⁰ Disponível em: <http://revistacrescer.globo.com/Livros-para-uma-Cuca-Bacana/noticia/2017/03/livro-infantil-sobre-mulheres-que-fizeram-historia-chega-ao-brasil.html>.

¹¹ Disponível em: http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2017/05/30/internas_viver,706349/obra-reune-biografias-de-mulheres-negras-que-marcaram-a-historia-do-br.shtml.

CARVALHO, J, R. **A construção da identidade de uma nação por meio da língua escrita e falada.** Revista Fórum Identidades. Ano 2, volume 4, p. 83-90, jul-dez de 2008

COSTA, C, L. **A Presença e Ausência do Debate de Gênero na Geografia do ensino fundamental e Médio.** Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v.2, n.2, p.76-84, ago./dez. 2011.

COSTA, G, B, A; DANTAS, D, N. **O Livro Didático de Geografia e as Questões de Gênero: algumas reflexões.** Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v.6, n.11, p.323-340, jan./jun., 2016.

MORAES, A, C, R. **Ideologias Geográficas.** AnnaBlume, São Paulo, 5ª edição, 2005.

MORGANTE, M, M; NADER, M, B. **O patriarcado nos estudos feministas: um debate teórico.** XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e práticas científicas. 28 de jul a 02 de ago de 2014.

OLIVEIRA, J, P, F; NASCIMENTO, L, A. **Diversidade no Espaço Escolar: Proposições Iniciais sobre Identidade de Gênero e Ensino de Geografia.** 4º Jornada Científica da Geografia UNIFAL-MG, 30 de maio a 2 de jun. de 2016, Alfenas-MG, p.242-247.

REIS, M, L. **Estudos de gênero na Geografia: uma análise feminista da produção do espaço.** Revista Espaço e Cultura. UERJ, RJ, n. 38, p. 11-34. Jul/Dez de 2015.

RUBIN, G. **O tráfico de mulheres: notas sobre a “Economia Política” do sexo.** Tradução de Christiane Rufino Debat, Edileusa Oliveira da Rocha e Sonia Côrrea. Edição S.O.S Corpo, Recife, 1993.

SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. **Os gêneros escolares. Das práticas de linguagem aos objetos de ensino.** Revista Brasileira de Educação. Mai/Jun/Jul/Ago 1999 N° 11.

SILVA, J, M. **Gênero e Espaço. Esse é um tema da Geografia?** Ensino de Geografia – Novos temas para a geografia escolar. Consequência. 2014

SOUZA, C, A, S. **A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo.** Dissertação de mestrado apresentada à área de Antropologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). 2008.

VENTURI, Gustavo; GODINHO, Tatau (Org.). **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Edições Sesc SP, 2013. 504 p.